

Paisagens da insularidade: a poética do exíguo na literatura antilhana de língua francesa

Maria Bernadette Velloso Porto

Resumo

A partir do conceito de “literaturas da exigüidade”, criado por François Paré para designar produções literárias das “margens”, vistas como criações de bens simbólicos inéditos, pretende-se refletir sobre a presença da insularidade no imaginário antilhano. Para tanto, graças à leitura de textos literários e ensaísticos das Antilhas de língua francesa, será investigada a recorrência de elementos paisagísticos significativos. Concebendo-se a vivência da insularidade (física, psicológica, lingüística e fantasmática) como condição privilegiada para o surgimento do desejo de expansão dos limites, considera-se que a experiência do exíguo constitui um convite para a prática da Relação.

Palavras-chave: Paisagem; Exigüidade; Antilhas

Resumen

A partir del concepto de “literaturas de la exigüidade”, creado por François Paré para designar producciones literarias de las “margenes”, vistas como creaciones de bienes simbólicos inéditos, pretendo reflexionar sobre la presencia de la insularidad en el imaginario antillano. Para tanto, gracias a la lectura de textos literarios y ensayísticos de las Antillas de lengua francesa, será investigada la recurrencia de elementos paisajísticos significativos. Concebiendo la vivencia de la insularidad (física, psicológica, lingüística e fantasmática) como condición

* Artigo recebido em janeiro de 2006 e aprovado para publicação em fevereiro de 2006

privilegiada para el surgimiento del deseo de expansion de los limites, se considera que la experiencia de lo exíguo constituye una invitacion para la práctica de la Relacion.

Palabras claves: Paisaje; Exiguidad; Antillas

Abstract

From the “literature of the scarcity” concept created by François Paré to name literary productions of the “borders” which have been seen as rare symbolic goods, the aim of this essays is to think about the insularity in Caribbean imaginary. For such thanks to reading of literary and linguistic texts of the Francophone Caribbean, it will be investigate the recalling of significant elements of the landscapes. Understanding the experience of Insularity (physical, psychological, linguistic and phantomatic) as a privileged condition to wish to expand the limits, it is also consider scarcity is an invitation to the practice of Relation

Keywords: Landscape, Escarcity, Caribbean

(...) Pois não se trata tanto de pensar o lugar, de fazer dele o objeto de um discurso, mas de manifestar a influência de um lugar sobre um pensamento de modo que esse pensamento saiba designar sua origem. (GHITTI, Jean-Marc, 1998, p. 12)

Em nossa época, em que os novos mapeamentos identitários nos fazem rever as certezas associadas à noção de essencialismo e os referenciais geográficos considerados estáveis até recentemente, o ato de refletir sobre os vínculos entre a apropriação espacial e as elaborações de identidades se justifica sob diversos ângulos. Em primeiro lugar, a consciência de pertencimento passa, necessariamente, pela experiência da inclusão/exclusão. Além disso, o repertório de lembranças de uma coletividade se traduz como a constituição de paisagens afetivas, o desenraizamento podendo ser encarado como uma “condição desagregadora da memória” (BOSI, 2003, p.28). Em outras palavras, a memória se articula com o tempo vivido em determinado(s) lugar(es), com a construção de espaços da intimidade e do social onde se inscrevem histórias do cotidiano. Identificar-se decorre, pois, de práticas espaciais: para tanto, é preciso se localizar no

espaço, situar o espaço onde se vive em relação a outros (PARÉ, 2001).

Em se tratando do Caribe, a experiência do tráfico de escravos marcou profundamente o imaginário coletivo de um povo que, ao ser transplantado para outro continente de modo brutal, transformou-se em outra coisa (GLISSANT, 1997, p. 40), ao longo de um complexo percurso que se estendeu da desapropriação e do aviltamento identitários à tomada de consciência de sua diferença e ao gesto de (se) assumir (n)a paisagem americana. Pretendemos aqui, a partir da releitura de textos críticos e literários, levantar pistas significativas para a compreensão da realidade caribenha de língua francesa. Antes, porém, faz-se necessária uma breve explanação sobre o conceito de exigüidade e suas relações com a literatura.

Literatura e exigüidade

(...) a escrita e a prática da arte acarretam, inevitavelmente, uma liberação do espaço. Desse modo, o criador luta até a morte contra a exigüidade, o abafamento e o silêncio. (PARÉ, 2001, p.97)

Desde o início da história da colonização nas Américas, foram associadas ao novo continente imagens plurais, à primeira vista excludentes, como as da falta e do excesso, da carência e da generosidade, do inferno e do paraíso, entre outras. « Terreno particularmente fértil para uma tal visão dicotômica das coisas » (NEPVEU, 1998, p.73), as Américas constituem, ao mesmo tempo, uma idéia ou invenção européias e o espaço propício para a elaboração criativa de « coletividades novas » (BOUCHARD & LAMONDE, 1997) que souberam inventar-se sob o ponto de vista identitário e reelaborar suas relações com a paisagem.

À luz da ótica européia, paralelamente às visões do paraíso, valorizou-se a “concepção de uma América feita em sua

essência de selvageria e instinto, de um continente que encontraria naturalmente seu gênio em seu espaço e suas paisagens » (NEPVEU, 1998, p.72). Veiculava-se, então, a imagem de extensões de terra sem fim, propícias à aventura, aos deslocamentos e ao confronto do homem com um ambiente hostil e perigoso. Todavia, ainda no período da colonização, uma outra versão não menos significativa do continente americano se depreende de textos literários em que ele é vinculado à busca de um recolhimento favorável à reflexão. Assim, ao lado de narrativas – em particular, a dos primeiros viajantes – centradas na descrição da riqueza de espécies e espaços naturais, e na valorização de uma exterioridade abundante - descrita como paraíso ou como inferno segundo os interesses dos donos do poder - desde cedo se manifestou a configuração de paisagens americanas da interioridade, convite à introspecção e à inteligência poética. É o que o crítico quebequense Pierre Nepveu depreende nos escritos místicos da religiosa Marie de l' Incarnation, representante do olhar feminino sobre o Novo Mundo e sobre a Nouvelle-France. Vivenciando seu exílio voluntário como falta e intensidade suprema, em seus textos autobiográficos ela empreende uma descoberta imaginária da América através da reflexão. Ao atravessar o Atlântico para se engajar como reclusa nas missões canadenses, ela traz uma perspectiva diferente para a leitura do Novo Mundo. Trata-se de descobri-lo a partir do confinamento e da exigüidade, o que confere um papel significativo à sua experiência que lhe permitiu ter acesso a outra face da « terra prometida ». Mais do que a condição de exilada e o conteúdo religioso de seus textos, é sobretudo a referência à exigüidade que interessa aos propósitos do presente artigo que pretende refletir sobre a interferência da consciência do exíguo na constituição identitária no âmbito das Antilhas de língua francesa.

A alusão às “literaturas da exigüidade” nos leva a François Paré cuja obra *Les littératures de l'exigüité* (2001) se tornou

referência na área dos estudos centrados em produções literárias das margens. Assumindo a defesa das “pequenas” culturas, ele propõe uma reflexão apurada sobre literaturas fundamentadas na prática da resistência, na reivindicação do logos e no desejo de afirmar sua diferença para além da arrogância do universal. Embora não tenhamos a intenção de aderir totalmente a esse conceito em nossa leitura, no livro citado de Paré há pistas produtivas para a leitura de obras inspiradas pelo exíguo. Ou seja, o que importa à pesquisa não é necessariamente rotular a literatura antilhana de língua francesa dentro da categoria criada pelo crítico quebequense – até porque se deve levar em conta que tal conceituação é relativa – mas sim, investigar formas da exigüidade simbólica constitutiva da identidade em questão. Exigüidade que se manifesta nas páginas literárias sob a forma de impossibilidades e carências, ou ainda como impulso em direção a gestos do resistir e do reinventar.

Acreditando que o futuro da Literatura “depende da manutenção e da promoção da diversidade radical” (PARÉ, 2001, p. 114), no prefácio de seu ensaio, Paré se vale de uma metáfora reveladora: a das dunas selvagens que, nos Países Baixos, impedem o avanço das águas do mar em direção às primeiras casas das aldeias. Ilustração significativa do “saber da resistência”, tais dunas asseguram a proteção “contra toda intrusão que poderia desenraizar ou colocar em perigo a preciosa vegetação” (p.17). Em outras palavras, trata-se de valorizar as margens e de reconhecer a importância de estratégias de sobrevivência de que lançam mão seres marcados pela fragilidade. Associadas às dunas nos confins da terra habitada, as literaturas da exigüidade definem-se pela sua capacidade de resistir aos riscos de desaparecimento no interior de novos mapas identitários de um mundo globalizado em que, muitas vezes, é problemática a manutenção das diferenças.

Ao se engajar na defesa e ilustração dos discursos da exigüidade, Paré ressalta que, ao contrário das “grandes literaturas”

– que se apóiam no prestígio do universal – as “pequenas literaturas” remetem às idéias de fragmentação e diversidade. Ausentes, em geral dos currículos universitários, tais produções representam, como acaba de ser dito, um lugar rentável para a leitura da contemporaneidade e das novas cartografias da identidade em que, ao lado dos apelos da homogeneização, irrompem, com persistência e determinação, vozes plurais de especificidades culturais. Cabe, pois, reconhecer a emergência dos discursos das margens, não como “um subproduto das culturas dominantes, mas como fabricação original e autônoma de bens simbólicos inéditos” (PARÉ, 2001. p.206).

No interior das chamadas literaturas da exigüidade, Paré identifica tipos distintos: as literaturas minoritárias, as literaturas coloniais, as literaturas insulares e as “pequenas” literaturas. Em todos os casos, verifica-se a idéia de falta e de privação que se manifesta de diversas formas. Através da designação de “literaturas minoritárias”, o crítico quebequense se refere a obras produzidas no âmbito de minorias étnicas no interior dos Estados unitários. Segundo ele, o colonialismo, as deportações e migrações, a repartição arbitrária de fronteiras estão na origem da heterogeneidade cada vez mais visível na cena do mundo em que enclaves minoritários se instalam no espaço do outro. No segundo grupo, Paré situa produções marcadas por um passado colonial cujos efeitos nefastos se fazem ainda sentir, como a alienação, a desapropriação e a despossessão identitárias. Nos seus comentários sobre as literaturas insulares - como as da Islândia, das Ilhas Maurício e da Terra-Nova - ele ressalta o conceito de insularização, vista como condição interiorizada da exigüidade insular que pode afetar pessoas que não moram necessariamente em ilhas – o que se dá, por exemplo, no caso dos descendentes dos acadianos deportados num passado longínquo, mas que ainda sonham em resgatar a pátria ou a mátria perdida através das páginas da ficção. O último grupo identificado por Paré é o das

“pequenas” literaturas nacionais que existem na contramão da constituição canônica dos escritos reconhecidos na historiografia literária que exclui e silencia as produções que escapam da difusão e do fortalecimento do Mesmo. Em geral, os “pequenos” discursos literários nacionais engajam-se em processos políticos de emancipação cultural. Gesto político e solidário, a escritura é uma forma de afirmação da existência de uma comunidade, o que dialoga de perto com a proposta de Deleuze e Guattari (1977).

Ao reconhecermos a seriedade da proposta de François Paré, identificamos, no conjunto de seus textos, algumas opções de leitura promissoras para o Projeto Integrado “Poéticas da exigüidade e da errância nas Américas”, que desenvolvemos com o auxílio do CNPq. Uma delas se relaciona às metáforas da exigüidade. Figura de linguagem ligada aos trânsitos e às transferências semânticas, a metáfora ocupa lugar de destaque em textos das movências e construções identitárias. É o que se destaca das palavras de Salman Rushdie, ser migrante por excelência:

(...) a emigração nos oferece também a mais rica metáfora de nossa época. A própria palavra *metáfora*, com suas raízes gregas, *levar através*, descreve uma espécie de emigração, a das idéias em direção às imagens. Os emigrados – homens levados através – são seres metafóricos na sua própria essência, e a emigração, vista como metáfora, está em toda parte em torno de nós. Todos nós atravessamos fronteiras; num sentido, somos todos emigrados. (RUSHDIE, 1993, p.307-308)

Assim como somos todos emigrados, conforme sugere Salman Rushdie, a exigüidade não deixa de fazer parte da condição humana. Em um ensaio interessante em que analisa a “experiência da habitabilidade” em romances de Émile Ollivier, escritor da diáspora haitiana que participa da chamada literatura migrante do Quebec, Simon Harel encontra na obra do mesmo autor um paralelismo entre a casa e a escritura. Segundo ele, a escritura seria uma espécie de obra-refúgio ou obra-insular cuja

função é a “de aumentar desmesuradamente nossa relação com o mundo de modo a nos proteger da pequenez da condição humana e da insegurança que a acompanha” (HAREL & JACQUES, 2003, p.87). Um trecho do romance *Passages*, de Émile Ollivier, ilustra vários aspectos da exigüidade, a partir de metáforas expressivas:

Nous venons d'un pays qui n'en finit pas de se faire, de se défaire, de se refaire. Coureurs de fond, nous avons franchi cinq siècles d'histoire, opiniâtres et inaltérables galériens. Nous avons subsisté, persévéré sur les flots du temps, dans cette barque putride et imputrescible à la fois, dégradable et pérenne. Notre histoire est celle d'une perpétuelle menace d'effacement, effacement d'un paysage, effacement d'un peuple: le génocide des indiens caraïbes, la grande transhumance, l'esclavage et, depuis la mort de l'Empereur, une interminable histoire de brigandage. Notre substance est tissée de défaites et de décompositions. Et pourtant, nous franchissons la durée, nous traversons le temps, même si le sol se dérobe sous nos pas. Malgré vents et marées, malgré ce présent en feu, ce temps de tourments, cette éternité dans le purgatoire, nous continuons à survivre en nous livrant à d'impossibles gymnastiques. (OLLIVIER, 1994, p.129-130)

Nessas linhas de inegável valor poético, o escritor-testemunha retrata a teimosia de seu povo que soube e sabe resistir aos riscos de apagamento identitário, insurgindo-se contra obstáculos impostos pelo regime colonial e pela opressão que se manifestou, ao longo da história haitiana, como exercício da degradação e do aviltamento de seres humanos. A alusão a memórias vividas no espaço do horror traz à baila a imagem antiga da barca putrefata, evocação dos navios negreiros que povoam o imaginário caribenho. Ao invés de sugerir, metaforicamente, a simbologia de uma casa superlativa - como Barthes depreendeu no *Nautilus* de Júlio Verne (BARTHES, 1972, p. 56) - o barco insinua aqui os riscos de morte. Morte de seres anônimos do passado, deslocados para sempre das trilhas de sua memória de origem. Morte anun-

ciada no interior do próprio romance em que um grupo de haitianos miseráveis tenta atingir Miami através da fuga pelo mar, fracassando em seu intento.

De tudo o que foi exposto, espera-se que tenha ficado claro que a exigüidade não se restringe necessariamente a um dado físico, mas corresponde a uma espécie de mirante de onde se pode ler o mundo. Como será visto adiante, no caso das Antilhas, por exemplo, a “pequenez” da língua crioula levou escritores como Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau e Ernest Pépin entre outros, a reinventar a língua francesa através da prática da desterritorialização criativa. Além disso, obras de autores antilhanos da diáspora, escritas a partir da perspectiva da migração – vista como categoria estética – inspiram-se nas possibilidades expressivas do minoritário, de seres que, em seu cotidiano, conhecem a perda e a ausência de um espaço identitário e que se mostram capazes de criar, apesar de todas as impossibilidades. Isso se explica segundo François Paré pelo fato da arte e da escritura acarretarem a liberação do espaço, cabendo ao criador lutar contra o exíguo, o silenciamento e a desposseção identitária.

Paisagens e páginas: pistas de leitura

(...) em seus dispositivos literais, seus relevos ou declives da escrita, as páginas podem ser contempladas como paisagens; e, por sua vez, as paisagens, através de suas configurações sensoriais, de sua lógica ou de sua ordem secreta, podem ser compreendidas e lidas como páginas. (RICHARD, Jean-Pierre. 1984, p.7)

Ao tratarmos da poeticidade dos lugares – vistos e/ou vividos – e das estratégias de apropriação espacial adotadas ao longo do processo de construções identitárias, devemos levar em conta o conceito de paisagem. Muitas vezes associado, de forma equivocada, à noção de meio-ambiente, o estudo da paisagística não se reduz a uma morfologia de referentes topográficos

cos. Como pensam Bernard Lassus e Augustin Berque, a paisagem “concerne a um incomensurável essencialmente estranho ao mensurável do meio-ambiente” (BERQUE, 1994, p. 6). Ou seja, ultrapassando a sugestão de limites geográficos, a paisagem corresponde a outra ordem: se, no caso do estudo do meio-ambiente, encontramos-nos no campo científico, a leitura da paisagem se prende ao domínio estético.

Refletir sobre a paisagem supõe o reconhecimento do papel do olhar e da subjetividade de quem a contempla, mas ela não reside nem no sujeito, nem no objeto observado. Como afirma Augustin Berque, é justamente na interação complexa do sujeito e do objeto que a paisagem é construída. Em outras palavras, um espaço só se torna paisagem a partir de tal interação (BERQUE, 1994, p.5).

“Entidade relativa e dinâmica, onde natureza e sociedade, olhar e meio-ambiente estão em constante interação” (BERQUE, 1994, p. 6), a paisagem se inscreve no âmbito de uma simbologia coletiva, constituindo, muitas vezes, o emblema de uma comunidade. Elaboração cultural – e não simplesmente um dado da natureza – e passível de olhares diversos, a interpretação da paisagem se fundamenta em categorias colocadas em jogo na apreensão da realidade e no ato de dar sentido ao mundo por parte de uma coletividade. Ou seja, para que um lugar adquira o estatuto de paisagem, é preciso que ele se revista de um valor simbólico que lhe é conferido por ritos de propriedade efetuados por membros de um grupo social.

A leitura das cartografias de terras conquistadas e/ou colonizadas é, em geral, orientada pela perspectiva ideológica de quem se outorga o poder de definir, de rotular e de catalogar as diferenças. As histórias das “descobertas” comprovam, em diversos contextos, que a primeira manifestação de posse dos conquistadores se expressa sob o modo da nomeação. Nomeação de lugares anteriormente designados pelos primeiros ha-

bitantes, que parecem condenados à inexistência pelo verbo dos descobridores. Tal gesto nunca é neutro, uma vez que se prende aos mecanismos de apropriação colonial, que não só pretendem fazer *tabula rasa* dos referentes culturais dos povos subjogados, como também relegam o outro ao lugar do exótico. Como se sabe, a interiorização do olhar dos dominadores – assumido como parâmetro de leitura do mundo – por parte de colonizados e oprimidos conduz a várias faces de alienação e de desapropriação identitária, responsáveis por uma incompatibilidade entre os seres humanos e seu próprio corpo – sua primeira morada – e entre os indivíduos e o país em que vivem. Em seu célebre texto *Orphée noir*, que serviu de prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, organizada por Léopold Sédar Senghor (1948), Jean-Paul Sartre já insistia sobre os malefícios da incorporação da ótica dos colonizadores, que incentivava a interiorização de um complexo de inferioridade entre os dominados. Mais tarde, os autores do livro *Éloge de la créolité* (1989) apontaram a dupla exterioridade (a França e, posteriormente a África, com o movimento da negritude) a partir da qual, durante muito tempo, os antilhanos se definiam, antes de (se) assumirem (n)os mapeamentos da paisagem caribenha e da criouliização (GLISSANT).

Como já foi salientado, no que diz respeito ao Caribe francês, um duplo ponto de vista descreve – camuflando ou revelando – a natureza antilhana. De um lado, a ótica dos antigos colonizadores e de seus descendentes; de outro, a perspectiva literária – iniciada com o movimento da negritude e ampliada com a tomada de consciência da criouliização – que redescobre as complexas e profundas relações do ser antilhano com seu entorno. À luz das propostas de Berque e de outros autores do livro *Cinq propositions pour une théorie du paysage*, acreditamos que o discurso etnocêntrico não é capaz de apreender a paisagem como realidade viva e dinâmica que faz parte das pequenas

histórias do cotidiano de um povo. Lugar de produção de sentido, a paisagística caribenha pode, pois, ser lida segundo o olhar de quem a vê e a lê como uma página onde se imprimem visões de mundo excludentes.

Há alguns anos, publicidades da companhia aérea Air France exploravam a beleza da natureza caribenha e, em particular, os encantos naturais dos departamentos franceses de ultramar (Martinica e Guadalupe). Em um dos anúncios de sua campanha, a empresa francesa mostrava a seus consumidores – ávidos de aventura e de exotismo – um flash do paraíso tropical: colocando, no primeiro plano, uma jovem e bela negra, situada em um cenário sugestivo (uma praia deserta de águas cristalinas onde coqueiros se balançavam ao vento), a página publicitária se apoiava na idéia de sedução. Se a sedução supõe desvio, nesse caso, o futuro viajante se deixaria desviar dos roteiros habituais para se distrair no espaço imprevisto da diferença - confinada no plano do exótico. Ao prometer a leitores europeus a possibilidade da conquista (da jovem atraente e da ilha onde tudo seria permitido), tal anúncio disponibilizava para os franceses – para o “macho-adulto-branco sempre no comando”, para citarmos Caetano Veloso – a nova posse do lugar do outro, feminilizado e imobilizado pela lente do fotógrafo.

Ao sugerir a seus destinatários o charme de férias no Caribe (cf. o slogan “La Martinique cette année une sacrée bonne idée”), esse discurso publicitário consagrava a figura do turista do Primeiro Mundo, espaço dos “globalmente móveis” (BAUMAN, 1999, p. 96), “caçadores de emoções e colecionadores de experiência” (BAUMAN, 1999, p. 102). Para o sociólogo citado, tocados pelas sensações prometidas, os turistas “*saboreiam* o mundo como os experimentados freqüentemente de museus *saboreiam* o tête-à-tête com uma obra de arte” (BAUMAN, 1999, p. 103). Assim se estabelece uma relação desigual: de um lado, aqueles cuja condição econômica é garantia de viagens ao exte-

rior e aqueles que, sem recursos financeiros, parecem fixados no lugar desfavorável das margens, do exotismo e da estereotipia. Na publicidade da Air France, saborear o mundo – o mundo da “localidade amarrada” (BAUMAN, 1999, p.96) – é, para os franceses, o equivalente ao gesto de possuir sexualmente a moça da foto. A análise desse anúncio se enriquece com a de outra publicidade da mesma campanha em que a sugestão de posse se confirma. Dessa vez, não há a representação explícita do feminino, a mensagem icônica estando centrada na imagem da Guadalupe, vista de cima (de dentro do avião e da superioridade francesa?) como uma ilha virgem. O slogan aponta para a idéia de apropriação espacial: “Mon île à moi”, o que reforça a inferiorização da diferença e do lugar do outro na ótica de quem se considera ainda como um desbravador e proprietário do “primitivo”.

Instrumento de cegueira – como o Guide Bleu analisado por Barthes em seu livro *Mitologias* (1972), a campanha da Air France prometia viagens fundamentadas, não na revelação da alteridade, mas no superficial e no provisório. Isso porque, como disse Bauman, “a peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não chegar” (BAUMAN, 1998, p.114). Vividas como trânsito sem a menor preocupação com qualquer tipo de enraizamento, as viagens turísticas só permitem “relações epidérmicas, se tanto (...) com as pessoas dos lugares” (BAUMAN, 1998, p.115). Poder-se ia então perguntar: que razões levam o turista a se deslocar? Mais uma vez, Bauman nos oferece uma pista significativa em uma longa citação:

Os turistas iniciam suas viagens por escolha – ou, pelo menos, assim eles pensam. Eles partem porque acham o lar maçante ou não suficientemente atrativo, demasiadamente familiar e contendo demasiadamente poucas surpresas, ou porque esperam encontrar em outro lugar uma aventura mais excitante e sensações mais intensas do que a rotina doméstica jamais é capaz de transmitir. A decisão de abandonar o lar com o fim de explorar terras estranhas é positivamente a mais fácil de tomar

pela confortadora percepção de que sempre se pode voltar, se for preciso. Os incômodos dos quartos de hotel podem, de fato, provocar nostalgia, assim como consola e recompensa recordar que há uma casa – em algum lugar -, um refúgio do tumulto e em que a pessoa podia abrigar-se para estar não-ambiguamente e não-problematicamente *chez soi*. – puxar as cortinas, fechar os olhos e ligar os ouvidos a novas sensações, cerrar a porta a novas aventuras... Bem, a questão é que tal perspectiva fica consoladora e recompensadora contanto que permaneça uma *perspectiva*. O “lar”, enquanto na “nostalgia”, não é nenhuma das verdadeiras edificações de tijolo e argamassa, madeira ou pedra. O momento em que a porta é trancada pelo lado de fora, o lar se torna um *sonho*. O momento em que a porta é trancada do lado de dentro, ele se converte em *prisão*. O turista adquiriu o gosto pelos espaços mais vastos e, acima de tudo, completamente abertos. (BAUMAN, 1998, p. 116-117)

Desse modo, consciente de que se trata apenas de uma aventura passageira, de uma página a ser virada rapidamente no seu cotidiano em que pausas lhe são permitidas - como as férias -, o turista francês pode optar por uma curta ida ao Caribe, associado, na sua mente, à abertura para o espaço da novidade, a ser visitado “à vol d’oiseau” graças às asas da Air France. Por sua vez, imobilizados pelo estereótipo e ocupando o lugar reduzido e minoritário que lhes é dado pela ótica etnocêntrica, os antilhano-teriam dificuldades de escapar das malhas do discurso dos dominadores. Em outras palavras, apoiando-nos em Bauman, vemos que na campanha da Air France, ao abrir as portas que conduzem ao sonho de consumo do exotismo e da aventura, o discurso etnocêntrico confere aos insulares um destino limitado, “trancando-os” numa imagem pré-fabricada e essencializante de objeto de consumo.

Contrastando com aspectos de tal representação redutora do espaço insular antilhano, pode aqui ser lembrada a descrição do mesmo feita pelo poeta maior da negritude, o martinicano Aimé Césaire, no início de seu *Cahier d’un retour au pays na-*

tal, referência obrigatória para quem se interessa pelas literaturas francófonas e pelas questões identitárias de nosso tempo. Retomemos uma passagem da obra citada:

Au bout du petit matin, l'extrême, trompeuse désolée eschare sur la blessure des eaux; les martyrs qui ne témoignent pas; les fleurs du sang qui se fanent et s'éparpillent dans le vent inutile comme des cris de perroquets babillards; une vieille vie menteusement souriante, ses lèvres ouvertes d'angoisses désaffectées; une vieille misère pourrissant sous le soleil, silencieusement; un vieux silence crevant de pustules tièdes, l'affreuse inanité de notre raison d'être. Au bout du petit matin, sur cette plus fragile épaisseur de terre que dépasse de façon humiliante son grandiose avenir – les volcans éclateront, l'eau nue emportera les taches mûres du soleil et il ne restera plus qu'un bouillonnement tiède picoré d'oiseaux marins – la plage des songes et l'insensé réveil. (CÉSAIRE, Aimé. 1971. p. 31) Au bout du petit matin, cette ville plate – étalée, trébuchée de son bon sens, inerte, essouffée sous son fardeau géométrique de croix éternellement recommençante, indocile à son sort, muette, contrariée de toutes façons, incapable de croître selon le suc de cette terre, embarrassée, rognée, réduite, en rupture de faune et de flore.(CÉSAIRE, Aimé. 1971. p. 33)

Ao se referir ao aspecto doentio, insalubre e estéril do espaço antilhano e à mediocridade de Fort-de-France, capital da Martinica, vista como uma cidade inerte e achatada, onde a multidão passa ao lado de seu próprio grito, Césaire denuncia a apatia e a improdutividade de um povo marcado pela violência colonial cujos efeitos se prolongam numa espécie de quadro da desolação e da devastação. Ora, é justamente nesse contexto da disforia, da fragilidade e da exigüidade que irrompe a força do verbo poético capaz de transfigurar os dados adversos da realidade. Assim, a topografia plana da Martinica – índice de um destino histórico medíocre -, aliada à estreiteza de possibilidades para o ser antilhano – limitado do ponto de vista geográfico e existencial – acaba

por ser um convite às transformações que se operam ao longo do poema em questão. Por isso mesmo, a horizontalidade da “ilha-escarro” é substituída pelo gesto ascensional (cf. a sugestão da futura erupção dos vulcões) que resgataria a dignidade de um povo. Trata-se, como pensa François Paré, de saber tirar partido da exigüidade para resgatar as relações profundas do homem com sua paisagem, graças à expansão dos limites.

Para finalizarmos essas reflexões centradas no vínculo estabelecido entre páginas e paisagens, cabe lembrar a distinção sugerida por Alain Roger entre as idéias de país e paisagem. Entre os dois termos existe uma diferença qualitativa: o primeiro constitui um estágio inicial da apreensão do entorno, ao passo que o segundo remete à experiência estética:

O “país é, de algum modo, o grau zero da paisagem, o que precede a artialização, direta (*in situ*). Mas as paisagens se tornaram para nós tão familiares, tão “naturais”, que nós nos habituamos a acreditar que sua beleza era natural; e cabe aos artistas nos lembrar essa verdade primeira: que um país não é, de imediato, uma paisagem e que há, de uma paisagem a outra, toda uma elaboração, toda a mediação da arte. (BERQUE, 1994, p. 116)

Logo, só é possível passar do país à paisagem por meio da arte, uma mediação muitas vezes difícil de ser reconstituída, mas sempre indispensável (BERQUE, 1994, p.120). Coube então aos poetas e escritores antilhanos de língua francesa – como vimos com Aimé Césaire – favorecer a redescoberta dos intercâmbios produtivos entre sujeitos desfavorecidos e sua terra, até quando esta é vista como inóspita. Mesmo apontando aspectos negativos da paisagística do Caribe, autores antilhanos assumem a responsabilidade de proclamar os elos efetivos entre o ser humano e seu entorno.

O imaginário do lugar nas construções identitárias antilhanas

Reinventar, é claro, e o tempo todo! O Lugar estará sempre em devir (...) (CHAMOISEAU, 1997, p.298)

Aos olhos do escritor, poeta e ensaísta martinicano Édouard Glissant, “o lugar é incontornável” (GLISSANT, 1995, p.24), uma vez que não se produz literatura como algo suspenso no ar, fora de um contexto de enunciação. Além disso, não é possível substituí-lo nem passar ao lado dele (GLISSANT, 1997, p.59). Contrário a qualquer fechamento a outras realidades culturais, o mesmo autor acredita que a paisagem equivale, não a um envelope passivo, mas a uma dimensão mutante e duradoura de toda transformação, de toda troca (GLISSANT, 1995, p.21).

Tema recorrente no conjunto da obra de Glissant, o lugar constitui a base de um projeto de escrita, de uma reflexão filosófica e de uma concepção do mundo que privilegiam a estética do Diverso. Opondo-se à idéia de território – ligado à valorização de uma raiz única –, o conceito de lugar se associa aos movimentos do rizoma, raiz plural em expansão, própria das identidades em aberto e em diálogo com outras.

No tecido paisagístico antilhano - visto como um personagem do drama da Relação (GLISSANT, 1995, p. 25) - Édouard Glissant identifica marcas da história, uma vez que o indivíduo, o país e a comunidade são indissociáveis. Constituído de tempos e espaços que se cruzam, o lugar remete, não simplesmente à terra em que o “migrante nu” foi escravizado, desprovido de bens simbólicos e materiais que o ligariam a sua origem, mas também à história de alienação e de despojamento identitário compartilhada com outras comunidades.

Segundo o referido autor, a primeira abordagem das Américas se faz a partir da leitura da paisagem. Ao contrário da paisagem européia, marcada pela ordem e pelo ritmo das esta-

ções, a paisagem caribenha se caracteriza por sua abertura, por sua unidade-diversidade (GLISSANT, 1995, p.11-12). “Prefácio do continente americano” (GLISSANT, 1995, p.12), o Caribe oferece ao pesquisador vasto e rico material de análise.

Uma das primeiras pistas de acesso à realidade do Caribe diz respeito ao mar. Em seus ensaios, Glissant mostra que, diferentemente do Mediterrâneo – mar que concentra – o mar caribenho sugere abertura e diversidade. Todavia, as primeiras vivências dos transplantados se associam aos sofrimentos nos navios negreiros. Aprofundando a referência à metáfora do barco, anunciada com a citação de Émile Ollivier, devemos retomar idéias expostas no livro *Poétique de la Relation*, de Édouard Glissant. Para ele, na memória coletiva antilhana, persistem duas experiências das trevas: a primeira corresponde à deportação brutal imposta aos africanos; a segunda diz respeito ao trauma da travessia em embarcações fétidas. Vivenciado como um “abismo-útero”, o barco equivale a uma experiência inaugural do que seria o cotidiano em uma sociedade escravocrata. Útero formador de futuros escravos, o navio negreiro os expulsava de seu interior, destituído de qualquer idéia de humanidade. Lançados desse “abismo-útero” em direção a outros ambientes inóspitos e traumáticos – a morte real no fundo do mar ou a morte simbólica na nova terra – conhecedores do confinamento insular e do aviltamento identitário teriam passado a seus descendentes não só as lembranças de todo esse sofrimento, mas ainda as possibilidades abertas do sonho. É a partir de um “conhecimento compartilhado” em lugares do confinamento – o navio negreiro e as *plantations* – que o ensaísta da Martinica nos acena com a possibilidade de uma Poética da Relação, contrária a qualquer resquício de exigüidade cultural: “Nossos barcos estão abertos para todos os navegemos”(GLISSANT, 1990, p.21). Isso sugere a disponibilidade para se traçarem novos rumos e metas identitárias e a capacidade de se acolherem diferenças no interior

da barca/identidade antilhana, “continente” híbrido onde se inscreve o Diverso.

Outra ilustração da exigüidade imposta aos antilhanos aparece no texto “Lieu clos, parole ouverte” de Glissant.(1990, p.77). Ao considerar que o sistema escravocrata prolongou em terra, de certo modo, a violência vivida sob o signo do exíguo no navio negreiro, ele reconhece que, curiosamente, foi em um cenário avesso a toda manifestação de expansão identitária, que se desenvolveu a liberação através da palavra. Assim, em um espaço restrito e castrador, a figura do contador de histórias ganhou prestígio e reconhecimento sociais. Ser das astúcias do dizer e do fazer, o contador tradicional - imortalizado por Patrick Chamoiseau no romance *Solibo Magnifique* (1988) - insurge-se contra a ameaça de desaparecimento da cultura da oralidade. Aproximado por Glissant de outra figura identitária relevante nas Antilhas, o *djobeur* (biscateiro), o contador se define, antes de tudo, pelo poder de resistência e por sua capacidade de abrir, pela força do verbo, outras trilhas nas searas da criatividade. Figuras exemplares do fazer artesanal e do ato de resistir à ameaça de desaparecimento cultural em obras de Patrick Chamoiseau (*Solibo magnifique*, *Chronique des sept misères* e *Texaco*), o contador de histórias e o biscateiro estabelecem com seu ofício um investimento corporal, o que mostra que a aprendizagem do exíguo passa, antes de tudo, pelo domínio de técnicas capazes de estender as fronteiras do próprio corpo.

Ainda nas Antilhas, viver as impossibilidades, a insuficiência e o confinamento vinculados à exigüidade colonial, leva, necessariamente, à reflexão sobre o que o escritor e ensaísta haitiano René Depestre (1980) chama de “marronnage” cultural. Criado a partir da palavra “marron” (que se origina do espanhol “simarron”), o termo “marronnage” é empregado em relação a diversas formas de resistência à opressão, indo da ação concreta da fuga – no Brasil os quilombos representariam um exemplo

evidente de tal prática – a criações do plano artístico como a dança, a música etc. Fenômeno generalizado no Caribe, o “mar-ronnage” se desenvolveu na Martinica e na Guadalupe segundo as possibilidades territoriais, isto é, tal prática de resistência era definida pelo limite da terra (GLISSANT, 1997, p. 116).

Se para Glissant, apesar de tudo, a idéia de insularidade se reveste de um sentido positivo - sobretudo por ser a ilha, na sua ótica, sinal de abertura - para outro escritor da Martinica, Patrick Chamoiseau, trata-se de um índice marcado no pensamento ocidental por forte conotação negativa. Denunciando a “evidência paradisíaca” e a “fatalidade turística” atribuídas freqüentemente às Antilhas, ele lembra uma imagem associada muitas vezes aos insulares: a de seres à margem dos progressos da humanidade continental (CHAMOISEAU, 1997, p.234). Consciente de que a visão da insularidade como *handicap* persiste ainda hoje na mentalidade coletiva de muitos antilhanos, Chamoiseau reconhece a participação significativa de Glissant na defesa da antilhanidade para o reinvestimento simbólico da percepção do mar, da ilha e da insularidade (CHAMOISEAU, 1997, p. 239).

Em uma publicação recente (2005), encontram-se poemas reveladores da consciência da insularidade: trata-se da antologia poética intitulada *Hurricane: Cris d'insulaires*, que reúne autores do Caribe (Martinica, Haiti, Guadalupe, Santa Lúcia) e outros insulares (no sentido próprio e figurado) da África, da Nova-Caledônia, da Córsega, das Ilhas Maurício e dos Estados Unidos. Representada como uma realidade geopolítica, psicológica, lingüística e fantasmática, uma insularidade plural e multiforme, fundamentada no ato de compartilhar experiências, se destaca do conjunto de poemas. A leitura dos mesmos confirma as idéias de François Paré, pois, como afirma Doriane Suicard em seu prólogo, identifica-se aí um sentimento de insularidade, de enclave às vezes, até de fechamento, mas também uma vontade firme de abertura (p.9). Passemos a propor agora, de modo muito breve, al-

gumas possibilidades de parcerias intertextuais entre tais autores, que nos permitem abordar a temática escolhida em nosso artigo.

Na abertura dessa obra coletiva, encontra-se o poema “Paroles d’îles” de Aimé Césaire. O autor – que, através do sujeito poético, no poema “Corps perdu”, de seu livro *Cadastre* (1961, p.82), conclama as ilhas a assumir sua existência (“Je commanderai aux îles d’exister”) – elege o ambiente insular como sua referência. Dirigindo-se a um destinatário especial – aquele que compreende a linguagem das ilhas – o enunciador simpatiza com o “jargão secreto de algas e pássaros” tecido entre diferentes ilhas. Isso remete à noção de “nomadismo circular” próprio das comunidades arawaks que viajavam de ilha em ilha no Caribe (GLISSANT, 1990, p. 24), numa prefiguração da prática da Relação. Movido pela certeza do valor performático da palavra – “arma milagrosa” que se inspira no ritmo vegetal da transformação sugerido pela imagem da “árvore-espada” –o sujeito poético exorta os habitantes da insularidade a “transformar a ferrugem e a poeira dos sonhos em avalanche de aurora”. Ao apostar nas “colheitas vivas da Memória”, ele anuncia um futuro promissor capaz de renovar e de resgatar a memória coletiva.

Já em “Soleils de toute liberte”, do poeta da República dos Comores Paul Dakeyo, que vive atualmente entre as Ilhas Comores e Paris, a despeito de aderir a um canto que se quer plural (“Et j’articule les claires syllabes/ De mon chant que je veux pluriel”), o sujeito poético observa a sua volta uma cidade de luto e a petrificação do presente condenado à seca, ao silêncio, à violência e ao sofrimento. O lugar da enunciação coincide com a vivência da exigüidade e da desolação em um espaço inóspito onde, impossibilitado de sair de um aprisionamento existencial, o sujeito poético anda em círculos (“Alors je tourne et tourne en rond/ en ce pays où la douleur calcine/ La mémoire blessée pour toujours”). Tentando fugir do círculo infernal e cerceador, o poeta incita outros insulares a assumir o grito da revolta, para

que não se apaguem a lembrança dos passos coletivos e a luz do dia que seres despossuídos carregam (“Hurliez (...) / Pour que ne s’efface pas le souvenir de nos pas/ Pour que ne s’efface pas la lumière du jour que nous portons”). Logo, os dissabores do presente não impedem que se esboce a promessa de uma nova era, graças a uma ação coletiva que passa pelo corpo de uma coletividade: “Nous ferons battre le tonnerre de nos mains/ Nous, je, tu, il/ Et nous aurons le mot à la bouche/ Le mot juste pour dévertébrer le silence/ En toute fraternité”. O investimento corporal se faz, pois, necessário para a transformação da história de um povo. Da mesma forma, dialogando de perto com uma passagem do *Cahier d’un retour au pays natal* em que Aimé Césaire se refere ao Haiti como o lugar onde a negritude se pôs de pé pela primeira vez, Paul Dakeyo termina seu poema insistindo na urgência da reabilitação da dignidade perdida, através do gesto de resgatar a verticalidade: “Mais il faudra rester debout pour que cette Afrique puisse enfin prendre/le train/ Du troisième millénaire”.

É sob o signo da insularidade vivida como solidão e discriminação que a diáspora antilhana é representada no poema “Aux horizons du Sud” de Suzanne Dracius (Martinica): “Insulaires esseulés/ et seuls/ et seules/ Nous autres, aux horizons du Sud”. Definindo-se por um nós originário dos horizontes do Sul, que se encontra numa situação paratópica, fora de seu local de origem e fora de lugar no espaço e na história da metrópole, o eu poético denuncia preconceitos etnocêntricos. Agindo como uma forma de paralisação e redução identitária, a estereotipia equivale a uma espécie de armadilha discursiva no interior da qual o diferente é catalogado para sempre sob rótulos que o desqualificam. Atente-se para a atribuição de marcas da privação que vestem/ camuflam a diferença : “Banania, bamboula, macaque/ Diaspora Black (...) Sans papiers, sans dieux ni maîtres/ Sans chemise/ Sans pantalon/ Sans papiers/ sans papiers/ Sans

maître/ Sans foi/ Ni loi”. Ao repetir, com olhar crítico, os clichês que o reificaram, o emissor parece adotar palavras-bumerangue (DEPESTRE, 1980), como Césaire o fez, ao criar o vocábulo “négritude” a partir da ressemantização da palavra “nègre” que tinha forte conotação negativa em francês. Reivindicando para si –e, poderíamos dizer, vestindo com orgulho – as ofensas que lhe eram dirigidas, o sujeito poético as transforma, sugerindo, nos últimos versos, que os seres da diáspora que vivem na metrópole encontram no seu corpo seu lugar no mundo: “ Et si nous avions dans la tête/ De nous sentir bien dans nos peaux/ Nous autres, aux horizons du Sud”.

Como se considerasse, com Glissant, que a linguagem corresponde a uma maneira de se ver/ se ler o mundo, o poeta Jacques Fusina (Córsega) afirma no poema “Nos îles en nous” a possibilidade de interiorização da paisagem insular. Encarada como linguagem – no sentido glissantiano – a insularidade seria uma perspectiva a partir da qual se descortinam histórias plurais que dialogam justamente em função da mesma ótica. Ao acolher em seu corpo a paisagem insular – vista como dança e febre – o sujeito poético declinado como nós torna-se um continente, dando hospitalidade às ilhas. Num gesto reversível pelo qual o corpo coletivo e as ilhas são, ao mesmo tempo, hospedeiros e hóspedes, o ser humano e seu lugar são indissociáveis, nutrindo-se reciprocamente em uma tensão produtiva : “Nos îles en nous sont là toujours/ proches et lointaines à nos mémoires/ Lourdes à nos sens/ inépuisablement/ Nos îles en nous sont là toujours danse et fièvre/ au corps à corps redouté”.

Ancorando-se na imagem da expatriação, no poema “Dérade des sources” Daniel Maximin (Guadalupe) dá ênfase à inscrição da história/ das histórias na paisagem antilhana. A definição de si mesmo - “Je suis d’un peuple émigré sur terre sans domaine réservé/ échoué sans voies sur des îles désertées”- revela de imediato o trauma da deportação e da escravidão de

quem se sabe fora de seu lugar, encalhado em ilhas abandonadas. Observe-se o emprego do verbo “échouer” que sugere, ao mesmo tempo, as ações de encalhar e de fracassar. Vítimas de um malogro histórico, os antilhanos teriam conhecido de perto a desterritorialização, o despojamento e a ausência de perspectivas (“échoué sans voies sur des îles désertées”). Consciente da limitação de toda prática de “marronnage” no espaço insular cercado de mar por todos os lados (“la mer comme fatalité au bout de chaque sentier”) e da impossibilidade de escapar ao lugar onde nasceu, marcado pela superficialidade das águas, contrária a qualquer sinal de ascensão (“Antilles, ailes amerries: c’est là que je suis né”), o sujeito poético lembra de aspectos negativos da experiência histórica. Mas, mesmo apontando a fragmentação e a insignificância da “página caraíba” onde se disseminam “désirades en pointillé”, o poeta reconhece aí uma criação original que se deve à contribuição de quatro continentes para se forjar uma nova humanidade, para se recriar uma ilha: “l’Europe par erreur sans son humanité/ l’Afrique en friche d’échardes et de rayons/ l’Asie migrée l’Amérique recouvrée/ quatre continents pour recréer une île”. Concebendo o Caribe como o resultado de convergências de culturas plurais, o poeta confirma a associação entre ilha e abertura proposta por Glissant. Para além da memória da dor – relida esteticamente – toda ilha seria metaforicamente um arquipélago e um convite para a prática maior da Relação. Trabalhado pela palavra poética, o espaço insular vai além de suas características físicas, transmutando-se em paisagem, em lugar identitário vivido e/ou buscado, graças ao poder da arte.

Práticas lingüísticas no Caribe francês: a experiência dos limites

Reflexões em torno da língua ocupam lugar de destaque nas produções literárias da exigüidade. Segundo Paré, independentemente de seu contexto, o desenvolvimento e o prestígio de

uma cultura estão ligados à sobrevivência e à importância estratégica da língua que a exprime na economia lingüística do mundo. Como pensa Lise Gauvin (1997), os escritores francófonos – e deveriam ser incluídos aí os escritores contemporâneos em geral – são sensíveis à existência de um “imaginário das línguas” (GLISSANT), sendo dotados de uma “surconscience linguistique” muito desenvolvida. Ou seja, nas páginas de seus livros, eles repensam sem cessar a prática das línguas, a tensão produtiva de idiomas em confronto, optando, em geral, pela defesa das manifestações lingüísticas consideradas menores, mas que iluminam as línguas vistas como de maior importância. Em entrevista dada a Lise Gauvin, a escritora Simone Schwarz-Bart (Guadalupe) se refere a sua relação com o crioulo e o francês, cabendo à primeira língua fecundar a segunda (GAUVIN, 1997, p.120). Para ela, sem o crioulo, a língua francesa permaneceria como a Bela Adormecida no bosque, à espera do Príncipe Encantado capaz de retirá-la de seu entorpecimento. Seu trabalho de escritura se baseia, de certa forma, na atividade tradutória, pelo fato de buscar sempre traduzir em francês o não-dito e as entonações do crioulo, o que só enriquece sua prática lingüística.

Desenvolvendo um pouco mais as considerações a respeito da presença do exíguo no imaginário antilhano, pode ser lembrado que o próprio nascimento da língua crioula - marcado pelas misturas culturais - se deu durante a atividade de trabalho daqueles que se dedicavam à plantação de cana de açúcar. Palco do confinamento e da violência colonial, as *plantations* não deixaram de ser também o espaço da elaboração de artes de dizer por parte de seres oprimidos: trata-se da oralitura constituída por provérbios, adivinhações e histórias que foram criados em condições adversas, apesar de todas as impossibilidades. Aqui o conceito de exigüidade evoca as idéias de Deleuze e Guattari sobre a literatura menor e, em particular, a lembrança de Kafka, sensível às impossibilidades da linguagem. E é a partir das

fricções entre idiomas em confronto que foram criadas obras literárias de qualidade, graças aos contatos surpreendentes entre a língua francesa e a língua crioula.

No romance *Solibo Magnifique*, ao tratar da morte misteriosa - aos olhos dos representantes da lei - de um contador de histórias, o escritor martinicano Patrick Chamoiseau dá realce à crise que ameaça o mundo dos contadores tradicionais, responsáveis pela circulação da memória coletiva no espaço antilhano. De modo sintomático, a causa da morte de Solibo Magnifique - uma “égorgette da palavra” - anuncia o fim da oralitura no Caribe francês. Consciente de que, como escritor, deve também desempenhar o papel do etnógrafo, Chamoiseau mostra em seus romances (cf. também *Texaco* e *Chronique des sept misères*) a difícil tarefa de exprimir, nos limites de vocábulos escritos, toda a riqueza e a complexidade da palavra oral. Em um trecho em que o contador Solibo, reinvenção caribenha do *griot* africano, se dirige ao personagem do escritor, destaca-se o desafio assumido por esse último, ao procurar capturar pela escrita a palavra - impossível de ser apanhada nas malhas das letras. No entre-dois mundos, entre duas distâncias à primeira vista inconciliáveis, o escritor-mediador sabe que sua produção literária estará sempre aquém das infinitas possibilidades da palavra da oralitura. Todavia, se a oralidade tradicional corre o risco de desaparecer no cotidiano antilhano, cabe ao escritor superar todos os obstáculos e limites, para dar voz à palavra de Solibo. Para tanto, inspira-se na fonte criadora por excelência nas Antilhas: a tradição oral, renovando-a no exercício criativo de sua prática que dá continuidade à força do verbo primeiro:

(Solibo Magnifique me disait: “.Oiseau de Cham, tu écris. Bon. Moi, Solibo, je parle. Tu vois la distance? Dans ton livre sur Maman Dlo, tu veux capturer la parole à l’écriture, je vois le rythme que tu veux donner, comment tu veux serrer les mots pour qu’ils sonnent à la langue. Tu me dis: Est-ce que j’ai raison, Papa? Moi, je dis: On n’écrit jamais la pa-

role, mais des mots, tu aurais dû parler. Écrire, c’est comme sortir le lambi de la mer pour dire: voici le lambi! La parole répond: où est la mer? Mais l’essentiel n’est pas là. Je pars, mais toi tu restes. Je parlais, mais toi tu écris en annonçant que tu viens de la parole. Tu me donnes la main par-dessus la distance. C’est bien, mais tu touches la distance . (CHAMOISEAU, 1988, p.52-53)

Em entrevista a Lise Gauvin (1997, p.35), Patrick Chamoiseau afirma que todos os antilhanos têm uma relação problemática com a língua francesa, o que se manifestou, no seu caso pessoal, na escola, onde os alunos – que pensavam em crioulo - eram obrigados a adotar a ótica / língua francesa para corresponder às expectativas dos professores. Considerada naquela época como um capital lingüístico não rentável no mercado de bens simbólicos antilhanos, a língua crioula era discriminada pelos próprios mestres caribenhos. Em obras literárias e autobiográficas, a língua francesa é associada no espaço escolar à violência e à alienação. Há algum tempo, a preocupação com a universalidade – conferida pelo domínio da língua francesa – era tão exacerbada que era preciso apagar dos textos escolares qualquer vestígio do crioulo. Daí decorriam o estímulo ao simulacro e a ênfase na despersonalização e na inferiorização. Hoje, depois de um longo processo histórico, tal situação mudou, pois a utilização do francês nas Antilhas não requer mais o apagamento identitário. O uso da língua francesa – que pertence não apenas aos franceses, mas aos antilhanos, entre outros povos – não corresponde mais ao desejo de promoção social e à pulsão mimética. Com a relativização da questão lingüística, considerase que um idioma não define mais uma cultura, uma identidade. Chamoiseau se declara muito mais próximo de um habitante de Santa Lúcia (Caribe anglófono) e de um cubano do que de um africano francófono ou quebequense. Isso porque compartilha com outros caribenhos questões identitárias semelhantes, para além das diferenças lingüísticas.

Privilegiando freqüentemente em seus ensaios o “imaginário das línguas”, Glissant acredita que nenhum escritor pode escrever hoje de modo monolíngue, devendo estar atento a todos os idiomas do mundo. Mesmo quando só domina uma língua, ele “escreve em presença de todas as línguas do mundo” (GLISSANT, 1995, p.23). Para ele, “as regiões lingüísticas, as regiões culturais são ilhas, mas ilhas abertas, é sua condição de sobrevivência.” (GLISSANT, 1995, p.34). À luz de tal idéia, a prática lingüística adotada em suas obras é, para todo autor, uma forma de escapar da insularidade que a língua materna vista como confinamento poderia sugerir, uma maneira criativa de experimentar seus limites à procura da expansão e da descoberta da alteridade. Em seu livro *Traité du Tout-Monde*, Glissant confirma a necessidade de alargamento dos horizontes da língua crioula:

Da mesma maneira, uma língua compósita como o crioulo não poderia ser defendida pelo modo atávico da unicidade ou do fechamento. A unicidade fechada ameaça hoje a trama das línguas, e é a trama do Diverso que as sustenta. (GLISSANT, 1997, p.86)

Para finalizarmos a leitura da prática lingüística a partir da idéia de exigüidade, pode ser lembrada aqui a atividade tradutória. Enquanto “arte da fuga de uma língua a outra” (GLISSANT, 1995, p. 36), a tradução favorece o enriquecimento do imaginário humano. Traduzir é, pois, uma prática privilegiada no âmbito da Poética da Relação, no interior da qual todas as línguas são convocadas e têm o mesmo valor. Isso evoca outra citação de Glissant : “A paisagem de sua palavra é a paisagem do mundo. Mas sua fronteira é aberta” (GLISSANT, 1990, p.45). Logo, mostrar-se disponível para o imaginário das línguas é reconhecer em todos os idiomas – para além de suas opacidades – lugares novos, todos os possíveis, é combater os cerceamentos, as idéias preconcebidas e a exclusão.

Considerações finais

Ao tratarmos da presença da insularidade no imaginário do Caribe francês e como uma das manifestações privilegiadas da literatura da exigüidade, verificamos que a experiência do exíguo - vivida no plano material e psicológico – fornece a autores antilhanos farto material para suas criações. Inscrita na paisagem onde se lê a história caribenha e na própria origem da língua crioula, a exigüidade oferece a poetas e escritores dados para repensarem o processo de sua construção identitária. Reelaborada pelo olhar artístico, a insularidade - encarada como apelo à arquipelização - se reinveste dos sinais de abertura e das promessas de acesso à diversidade.

Retomando palavras de Patrick Chamoiseau no texto “Pays natal”, que abre a obra *Martinique*, poderíamos lembrar que “Todo país é uma obra de arte natural. E como toda obra de Arte, ela é **aberta**, isto é, potencialmente capaz de suscitar infinitas leituras” (CHAMOISEAU et alii.1995, p.4). Assim como o mesmo autor nos dá no texto citado **uma** das versões possíveis para seu país natal – que não corresponde exatamente a referentes geográficos, mas antes ao espaço vivido e percorrido ou à idéia de uma “residência interior”- ao optarmos pelo viés da poética da insularidade, elegemos uma das possíveis vias de acesso à complexa e rica realidade caribenha. Em nosso percurso, deixamos guiar por pistas, vestígios e marcas disseminadas em textos literários e ensaísticos em que, de forma mais ou menos evidente, se contempla a temática abordada.

Debruçando-nos sobre a produção literária antilhana de língua francesa, observamos, como Chamoiseau, que, nascida ao mesmo tempo, no e contra o regime escravocrata, e resultante dos contatos da Europa, da África e da Ásia, a cultura crioula resiste a qualquer tentativa de enquadramento e de reducionismo. Formado por identidades rizomáticas, o Caribe ilustra a ressignificação do mito bíblico de Babel em nossos dias em que, tendo

deixado de ser lida como punição, a pluralidade aponta para um mundo que se crioula, como pensa Édouard Glissant. Por isso mesmo, evocando, mais uma vez, o autor de *Poétique de la Relation*, lembraríamos que “Il est donné, dans toutes les langues, de bâtir la Tour” (GLISSANT, 1990, p.123). E o inacabamento de Babel, encarado em geral como fracasso, constitui a própria idéia de crioulação, processo inacabado, imprevisível e promissor de contatos entre culturas.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1972.
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.
- BERQUE, Augustin (dir.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Éditions Champ Vallon, 1994
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivido da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOUCHARD, Gérard & LAMONDE, Yvan. *La nation dans tous ses états. Le Québec en comparaison*. Montréal: Harmattan, 1997.
- CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris: Présence Africaine, 1971.
- _____. *Cadastre*. Paris: Seuil, 1961.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Chronique des sept misères*. Paris: Gallimard, 1986.
- _____. *Solibo Magnifique*. Paris: Gallimard, 1988.
- _____. *Texaco*. Paris: Gallimard, 1992.
- _____. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 1997.
- _____. et alii. *Martinique*. Paris: HOA-QUI Éditions, 1995.

- DELEUZE, Giles & GUATTARI, Félix. *Kakfa: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DEPESTRE, René. *Bonjour et adieu à la négritude*. Paris: Robert Lafont, 1980.
- GAUVIN, Lise. *L'écrivain francophone à la croisée des langues*. Paris: Karthala, 1997.
- GHITTI, Jean-Marc. *La parole et le lieu. Topique de l'inspiration*. Paris: Éditions de Minuit, 1998.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1997.
- _____. *Poétique de la Relation*. Paris: Seuil, 1990.
- _____. *Introduction à une poétique du divers*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1995.
- _____. *Traité du Tout-Monde*. Poétique IV. Paris: Seuil, 1997.
- HAREL, Simon & JACQUES, Mathieu-Alexandre. “L'écrivain-témoin: déplacements, transferts culturels et l'expérience de l'habitabilité dans les romans d'Émile Ollivier”. In: *Revue Internationale d'Études Canadiennes* 27. Ottawa: Conseil International d'Études Canadiennes, 2003.
- HURRICANE: CRIS D'INSULAIRES. Paris: Éditions Desnel, 2005.
- NEPVEU, Pierre. *Intérieurs du Nouveau-Monde: essais sur les littératures du Québec et des Amériques*. Montréal: Boréal, 1998.
- OLLIVIER, Émile. *Passages*. Paris: Le Serpent à Plumes, 1994.
- PARÉ, François. *Les littératures de l'exigüité*. Ottawa: Le Nordir, 2001.
- RICHARD, Jean-Pierre. *Pages Paysages. Microlectures II*. Paris: Seuil, 1984.
- RUSHDIE, Salman. *Patries Imaginaires*. Paris: Christian Bourgois, 1993.
21. SENGHOR, Léopold Sedar (org.). *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: Quadrige: PUF, 1948.